

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Diário de Notícias		
Data		
09.03.32		
Caderno		Página
Cidade		5
Seção		
Assunto		
Centro Histórico		
Praça da Sé		

Fim do calçadão gera expectativa em comerciantes

O fim do calçadão da praça da Sé já está se transformando em uma realidade. Um novo momento que deixa exultantes comerciantes da área e insatisfeitos os frequentadores dos bancos da praça. Para todos que estão com comércio instalado no local há mais de 10 anos, é o fim da concentração de marginais, desocupados e prostitutas, que atacam principalmente os turistas desavisados e embevecidos com o Centro Histórico. A opinião de José de Souza, 53 e 31 anos de trabalho na praça da Sé, faz eco junto aos demais: "Foi a melhor coisa que eu vi o governo fazer".

Eles declaram que não foram poucas as cenas de assaltos e outros tipos de agressão que tiveram que presenciar durante todos esses anos, desde a implantação do calçadão. João Assis, 59, demonstra seu desprezo pelos frequentadores assíduos da praça e sua satisfação pela volta do terminal de ônibus. "Eles nunca fizeram nada comigo porque tenho amigos na polícia. Dá até medo de avisar alguém, quando vemos daqui do balcão que um marginal vai atacar", confidencia. Na sua avaliação, as maiores vítimas desse grupo são os turistas. Mas ressalta que a situação melhorou bastante, desde a implantação do miniquartel naquela área, com cerca de 300 homens do 6 Batalhão da Polícia Militar.

Têm quem seja contra. Mas não é comerciante, com certeza, como Almir de Souza Vasconcelos, 66, que se autodefine como intelectual. "É uma cirurgia funesta. Não passando um bisturi no Centro Histórico", denuncia. Seu Almir faz questão de frisar que sua opinião diverge da dos outros porque não tem nenhum interesse econômico na praça da Sé. Mas Alberto Prado, 34, sabe muito bem como a situação estava difícil. Sua família tem quatro lojas na área, mas ele mesmo estava pensando em fechar a sua, caso a situação não mudasse. Com o fim do calçadão, ele mudou de ideia.

João Assis, que está em uma casa lotérica há quase 30 anos, está aliviado. Ele já chega a sonhar com o retorno das famílias às missas matinais de domingo.